

LEITURA E LITERATURA: REFLETINDO SOBRE A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS NA SALA DE AULA DE LÍNGUA ESPANHOLA

Maria Luiza Teixeira Batista
Universidade Federal da Paraíba

Resumo:

O objetivo deste trabalho é propor uma reflexão sobre como vem sendo conduzida a habilidade da leitura, principalmente a leitura literária, na sala de aula de língua espanhola. Discutiremos também sobre o papel do ensino de literatura no Curso de Letras para mostrar que o estudo de literatura é fundamental para a formação do docente de línguas estrangeiras, já que transmite um conjunto de saberes que será essencial para sua prática docente. Neste trabalho, buscaremos ainda mostrar que o texto literário é um excelente material para ser levado à sala de aula como recurso pedagógico e que trabalhar com textos literários é muito gratificante, divertido e instrutivo.

Palavras-chave: Literatura. Leitura literária. Língua espanhola.

“¿Qué hubiera sido de mí sin la lectura? No puedo concebirlo: incluso dudo de que siguiera siendo humana. Sin libros, tal vez hubiera sido un marsupial o un paquidermo, pongo por caso. Quiero decir que me es tan difícil imaginarme sin leer como imaginarme transmutada en hipopótama.”

Rosa Montero

Introdução

Começamos este texto apresentando uma reflexão sobre o ensino de literatura na universidade. Não é raro escutar dos alunos do Curso de Graduação em Letras – Línguas Estrangeiras¹ certas queixas com relação às disciplinas de literatura, alguns alunos questionam a validade e importância da presença de disciplinas de literatura em um curso de graduação que forma professores de línguas estrangeiras, no nosso caso de língua espanhola. Estas questões fundam-se na ideia de que eles, alunos de Letras, não ensinarão literatura nas escolas, por este motivo não encontram sentido em cursar disciplinas de literatura.

¹ Aqui, vale esclarecer que nos referimos principalmente ao caso do Curso de Graduação em Letras-Espanhol da universidade onde lecionamos, UFPB. No nosso curso, além da disciplina Teoria Literária, temos três disciplinas de literatura espanhola e três de literatura hispano-americana.

Tais questionamentos nos motivaram a avaliar nosso papel como professores de literatura, refletir sobre como estamos ensinando e indagar se a metodologia utilizada nas disciplinas de literatura é adequada, pois talvez as questões levantadas pelos alunos tenham sentido dentro do contexto da sala de aula na academia, onde a literatura muitas vezes é ensinada de uma forma em que não fica claro seu vínculo com a prática docente.

Na tentativa de defender a importância do ensino de literatura e justificar a sua permanência no programa do curso, buscamos mostrar aos alunos que o estudo de literatura é fundamental para a formação do professor de língua estrangeira, uma vez que lhes ensina sobre a cultura, a ideologia, a história, as expressões e o modo de vida dos povos que falam o idioma que eles, em breve, lecionarão. Todo este conjunto de saberes é essencial para sua prática docente. Mesmo que eles não enxerguem à primeira vista uma função pragmática no ensino de literatura no Curso de Letras, o conhecimento adquirido nessa disciplina, certamente, fará a diferença na sua prática em sala de aula. Buscamos também mostrar que o texto literário é um excelente material para ser levado à sala de aula como recurso pedagógico e que trabalhar com textos literários é muito gratificante, divertido e instrutivo, dependendo da maneira como ele é abordado.

A literatura ensina

Como dissemos antes, as dúvidas dos alunos sobre a importância do estudo de literatura no Curso de Letras-Espanhol nos fizeram refletir sobre nosso papel como professores de literatura estrangeira, a repensar o conceito de ensino e a questionar sobre o que estamos ensinando quando ensinamos nas matérias de literatura. Em busca de respostas, fomos levados ao texto de Antonio Candido, considerado um clássico no que se refere à vigência da literatura na vida do homem.

Em “O direito à literatura”, Candido defende a literatura como direito de todos e que não pode ser negado, pois negar ao homem o direito à literatura é negar-lhe o direito à fantasia, é negar-lhe o direito de sonhar. A capacidade de fantasiar ou fabular, como afirma Candido, é inerente ao homem e sem ela não se vive, pois “ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado” (CANDIDO, 2004, p. 174), seja lendo um romance, assistindo a novela da TV, escutando um relato ou

durante o sono quando involuntariamente nos entregamos ao sonho. Portanto, negar este direito é negar ao homem o direito de exercer sua humanidade.

Para Candido, a literatura também é um poderoso instrumento de instrução e educação, porém não de uma maneira convencional, já que “ela não *corrompe* nem *edifica*, (...); mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque nos faz viver” (CANDIDO, 2004, p. 176). Ao dizer o que aqui citamos, Candido ressalta a complexidade na delimitação do que a literatura ensina, ao propor um aprendizado que não pode ser mensurado de acordo com os padrões convencionais.

Além disso, acrescenta Candido, a experiência de ler literatura não é uma “experiência inofensiva”, já que pode gerar conflitos e causar desconforto emocional e psíquico no leitor, porém ela é necessária, pois ela promove a reflexão e o diálogo e nos permite viver “dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2004, p. 175). Este aspecto faz da literatura um material difícil de ser trabalhado em sala de aula, pois cada um reage de um modo particular ao texto literário.

O texto de Candido esclarece a dúvida sobre o que a literatura ensina, principalmente quando afirma que a literatura transmite um tipo de conhecimento que opera em dois níveis, sendo um de ordem subjetivo provocando ou suscitando sentimentos e organizando as nossas emoções; e outro, que Candido define como intencional, que diz respeito às intenções do autor ao expressar sua opinião, sua ideologia, sua crença, etc., que são assimilados pelo leitor e que exige dele uma tomada de posição (Cf., CANDIDO, 2004, p. 180). Então, além de algum sentimento, a literatura tem o poder de provocar no leitor um posicionamento, pois ele nunca termina o texto sem formar uma opinião sobre o que leu. Todas estas complexidades em torno da literatura e do que ela ensina se refletem na nossa sala de aula e, de alguma maneira, justificam a dificuldade dos alunos de Letras em entender qual a sua função didática.

Literatura para ensinar língua

Reconhecemos como positiva a inquietação dos alunos de Letras-Espanhol ao questionar o que a literatura ensina, isto revela um posicionamento não passivo diante dos conteúdos dados no curso. No entanto, esta não é a sua única inquietação. Muitos expressam

suas dúvidas a respeito da metodologia que deve ser usada para trabalhar com textos literários na sala de aula de língua estrangeira.

Para falar sobre metodologias que auxiliem na utilização do texto literário em sala de aula, partimos do livro de Ligia Chiappini Leite, *Invasão da Catedral. Literatura e ensino em debate*, que citamos anteriormente. Apesar de ser um livro publicado há décadas, suas idéias continuam vigentes até os dias atuais e por isso podemos perfeitamente resgatar suas palavras e aplicá-las de uma maneira reflexiva a nossa realidade. Nesse livro, a professora Ligia Leite afirma que não há uma fórmula mágica que ensine como ensinar literatura, e aqui completamos o seu pensamento, acrescentando que não há fórmula mágica para ensinar nenhuma matéria, incluindo língua espanhola. Porém, podemos esboçar certas sugestões que efetivamente podem servir para nos ajudar a pensar no ensino de língua que tenha como um dos suportes o texto literário.

Ainda seguindo o pensamento da professora Ligia Leite, observamos que ela defende o ensino de literatura² não de uma maneira utilitária, ou seja, a literatura utilizada para ensinar determinado assunto, como gramática, vocabulário, o uso culto da língua, etc., mesmo porque de alguma maneira o aluno, ao ler e tentar compreender o que leu, estará aprendendo estes temas. Ela defende também o resgate do valor lúdico da literatura, valor há muitos anos esquecido, e busca trazer de volta o sentido da imaginação e da criatividade, despertando assim o prazer da leitura. Ao lançar essa proposta, a professora nos convida a refletir acerca da metodologia que vem sendo utilizada na sala de aula e sugere que se busque uma metodologia onde a participação criativa e afetiva dos alunos seja o objetivo principal, uma maneira em que os alunos são convidados a participar da construção do conhecimento.

Acatando a sugestão da professora em resgatar a função lúdica da literatura, encontramos uma possibilidade de aproximar o ensino de língua e a literatura, mas aqui surge uma série de perguntas, tais como: Qual o lugar do texto literário na sala de aula de língua espanhola? Por que os professores de língua espanhola devem utilizar textos literários nas suas aulas? E onde está a literatura nos manuais e livros didáticos? Com estas perguntas, deixamos de lado a nossa reflexão sobre o ensino de literatura no contexto acadêmico e focalizamos o ensino nas escolas de nível fundamental e médio, o lugar para onde seguirão a maioria dos nossos alunos de Letras.

² E aqui devemos lembrar que a professora Ligia Chiappini Leite se refere ao contexto escolar brasileiro, porém seu ponto de vista pode ser aplicado à leitura do texto literário em sala de aula de língua estrangeira.

Em busca de respostas para tais perguntas, fomos levados a refletir e avaliar o que se fala do assunto nos documentos oficiais do MEC³, nos programas utilizados nas escolas e nos livros didáticos e manuais que comumente circulam em nosso meio. Ao observarmos os documentos oficiais do MEC, percebemos que, no que se refere ao ensino de línguas estrangeiras, tais documentos dão ênfase à leitura e interpretação de textos, porém sem deixar de lado a produção oral e escrita, já que o texto funcionaria com motivador para a discussão e interação entre os alunos, como também para a produção de outros textos. Em um dos documentos avaliados, percebemos que a importância que se dá a leitura em língua estrangeira transcende à aprendizagem do idioma, pois a aprendizagem da leitura de textos em língua estrangeira é fundamental para o letramento do aluno, já que aparece como colaborador “no desempenho do aluno como leitor em sua língua materna” (PCN, 1998, p. 20). Vemos que, nesse documento, outorga-se uma enorme importância ao ensino de língua estrangeira, pois ela faz parte do ensino como um todo, integrado à formação do leitor, de um ponto de vista mais específico, e à formação do cidadão, em um sentido mais amplo.

É certo que, quando tratam do ensino de línguas estrangeiras, os documentos oficiais privilegiam a leitura e dão ênfase ao trabalho com diversos gêneros textuais, porém, no que diz respeito à leitura de literatura em língua estrangeira não encontramos nenhuma consideração consistente. A literatura é discutida com mais propriedade nas seções sobre disciplinas de língua portuguesa quando trata do ensino de literatura e da leitura literária como essencial para formação do cidadão.

Apesar de não particularizar a leitura literária em língua estrangeira, encontramos uma breve menção à literatura no PCNEM+. Nesse documento, coloca-se a literatura como um conhecimento complementar para a formação do professor de línguas estrangeiras, porém, e contraditoriamente, não se dá a devida importância a este conhecimento, já que não trata o texto literário como um instrumento relevante para a aprendizagem dos alunos do ensino médio. Fala-se muito superficialmente sobre a leitura de poemas para trabalhar os sentidos conotativos e denotativos, menciona também a tradução de poemas e sugere, entre outros gêneros, a leitura de textos narrativos para trabalhar a compreensão do sentido geral do texto (PCNEM+, 2002, p. 142).

Não pretendemos aqui polemizar sobre como a leitura de literatura em língua estrangeira é discutida nos documentos oficiais, porém queremos demonstrar que incluir o texto literário na aula de língua estrangeira não é uma proposta absurda, pois não está em

³ Referimo-nos aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e Médio e as Orientações Curriculares.

desacordo com os objetivos presentes nos documentos que avaliamos, já que propomos trabalhar com a literatura focando seus aspectos socializantes e *humanizadores*, dando oportunidade para que o aluno conheça, opine e discuta sobre temas lingüísticos, históricos, sociais e culturais dos países que falam o idioma que estão estudando.

Ler literatura pode ser divertido

É certo que não há fórmula mágica que ensine como utilizar textos literários na sala de aula, mas tentaremos mostrar que tal tarefa não é impossível. Para justificar a presença do texto literário nas nossas aulas, lembramos da sua capacidade *humanizadora* ressaltada por Candido, pois a literatura “nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 1988, p. 180). Ademais, não podemos deixar de considerar a leitura do texto literário como uma forma de *abertura*, já que proporciona ao aluno perceber novos mundos, permite que ele entre em contato com outras realidades e culturas diferentes da sua.

O texto literário pode despertar a curiosidade do leitor, tocar sua sensibilidade e fazê-lo sonhar, mas, para isso, é necessário deixar para trás o modelo de leitura onde o aluno preenche as lacunas, responde perguntas cujas respostas muitas vezes sabe de cor. É preciso construir um modelo de leitura a partir do conhecimento do aluno, abrindo espaço para um horizonte mais amplo, onde o aluno-leitor se vê não como receptor passivo da palavra escrita, como mencionamos em outro lugar deste texto, mas como um construtor de conhecimento. É preciso permitir que o aluno faça *sua* leitura do texto literário, pois é nessa leitura que ele se vê diante de algo novo e inimaginável, e é com esse objeto estranho que ele se enfrenta e dialoga; é desse enfrentamento que surge a aprendizagem.

Ainda em defesa da leitura do texto literário, passemos a analisar a outra parte do processo, o trabalho do professor e suas possíveis dificuldades na utilização do texto literário na sua aula. Reconhecemos que não é fácil trabalhar com literatura com alunos que ainda não dominam o idioma, porém não é impossível, tudo depende de como o texto é abordado. O primeiro passo é abandonar a ideia da leitura como pretexto para ensinar gramática e da leitura como decodificação de palavras desconhecidas.

Mais uma vez acatamos a proposta da professora Ligia Leite, quando sugere a leitura como um jogo, resgatando a sua função lúdica que faz da leitura um ato prazeroso e não

torturante, um jogo cujo objetivo seria sensibilizar o aluno, para que ele possa desfrutar da leitura e ingressar no universo mágico que está nas páginas da literatura. Porém, falar do texto literário como um jogo não significa descartar os seus sentidos, sua ambigüidade e sua complexidade, para enfatizar unicamente as práticas dinâmicas. Nesse jogo, devemos explorar os dois lados, fazendo da leitura uma atividade criativa e crítica ao mesmo tempo, uma leitura onde são explorados os vários sentidos do texto e suas diversas maneiras de ler. Assim, é possível instaurar um clima agradável na sala de aula que é essencial para uma aprendizagem mais fluida e mais eficaz.

Ler o texto literário dessa forma implica permitir que o aluno-leitor participe ativamente da leitura, expondo sua maneira de entender e interpretar a palavra escrita. Nesse modelo de leitura o professor deixa de ser a figura central e passa a ser mais uma voz, entre outras vozes, uma voz que precisa saber mediar, respeitar e escutar, uma voz que precisa saber ensinar o grupo a escutar e respeitar a opinião do outro.

Nesse contexto de leitura, o professor é mais um leitor e seu papel seria outro que aquele que transmite o conhecimento. Ele deixa de ser a figura central, passa a de mediador, aquele que coordena a discussão e que auxilia seus alunos a encontrar relações entre as informações que vão surgindo. Seu papel continua sendo importante, porém sua leitura não é a única permitida como possível, pois nessa *leitura coletiva*, todas as interpretações são válidas.

Essa leitura está longe daquela em que o aluno teria de buscar as informações solicitadas ou daquela centrada da “explicação do texto” (LEITE, 1988, p. 47). Por esse motivo, é muito mais difícil para o professor, já que, ao invés de elaborar um questionário cujas respostas seriam facilmente encontradas no texto ou de aceitar a proposta do livro didático, ele deve estar preparado para enfrentar possíveis situações conflituosas, como comentários e perguntas que podem surgir das interpretações dos alunos, e deve estar preparado para intervir quando necessário.

O professor que aceita o desafio de assumir o controle da sua sala de aula e aventurar-se no campo instável da leitura crítica deve ser, acima de tudo, um leitor e conhecedor da literatura que pretende levar para sua aula. Deve ter acumulado um número considerável de textos lidos para saber escolher o conto, a poesia ou o romance que fará parte da sua aula, para não cair na armadilha das sugestões de leitura que às vezes aparecem nos livros didáticos, aquelas que já vem com um guia e uma ficha para ser preenchida, que facilita a vida do professor, mas pode destruir a vontade de ler do aluno-leitor.

Sabemos que o envolvimento afetivo por parte do aluno é fundamental para sua aprendizagem e também sabemos que a literatura pode propiciar este vínculo afetivo, pois na leitura do texto literário, o leitor pode estabelecer um diálogo consigo mesmo, buscar sentido para sua vida e para o mundo ao seu redor. No entanto, não é só o lado afetivo que é atingido, a leitura do texto literário também provoca um posicionamento crítico, é o efeito duplo descrito por Zilberman:

(...) a literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. Nesse sentido, o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado da rotina, leva o leitor a refletir sobre seu cotidiano e a incorporar novas experiências. (ZILBERMAN, 2008, p. 53)

Por esse motivo, acreditamos que podemos unir as duas coisas, o afetivo e o crítico, e desenvolver uma leitura em que o aluno-leitor possa, por um lado, vivenciar o lido e, por outro, compreender, criticar e transformar o lido. Aqui, é importante lembrar as palavras de Paulo Freire quando diz que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1982, p. 2), pois ler é muito mais que decifrar palavras, ler é atribuir significado ao que se está lendo, é buscar sentido no universo da palavra escrita. Cada leitor leva para o texto parte de seu mundo, cada leitor atribui sentido a tudo que está ao seu redor, inclusive ao texto, cada leitor entende e interpreta a sua maneira o texto que está lendo.

Nessa perspectiva, é importante explorar a relação única que cada um tem com o texto lido, não como um ato solitário que requer isolamento, mas também como um meio de socialização e de troca. Na sala de aula, devemos fazer da leitura um convite ao diálogo, pois esta deve ser compartilhada, desse modo cada um contribui com o seu saber para a construção dos significados do texto. Assim podemos promover uma melhor interação entre os alunos e entre os alunos e o professor.

Nesse processo, a escolha do texto é fundamental, pois são muitos os requisitos a serem considerados, por esse motivo vemos esta tarefa como um desafio. O primeiro desafio é escolher um texto que leve em conta o interesse do aluno para que haja um vínculo afetivo entre ele e o texto lido. No entanto, este não deve ser o único requisito, pois o professor também deve pensar que o texto pode ser um meio de provocar novos interesses que despertem o senso crítico do aluno (Cf., BORDINI, 1988, p. 28). Portanto, o texto deve servir

de provocador de perguntas, que aguça a curiosidade, que instigue o aluno à descoberta de novos sentidos.

Considerando o nível lingüístico da turma, o professor deve pensar em um texto que esteja de acordo com a capacidade de entendimento da língua, já que tratamos aqui do ensino de língua espanhola. Um texto muito *difícil*, no que diz respeito ao vocabulário e estrutura lingüística, pode causar frustração em um aluno-leitor que ainda não domina estruturas mais complexas. Por outro lado, o professor não deve subestimar a capacidade de entendimento dos seus alunos e levar para sua sala de aula um texto supostamente *fácil*, mas que não acrescenta nada ao aluno, nem do ponto de vista lingüístico, nem do ponto de vista intelectual e afetivo.

Há ainda algo a ser considerado: o professor deve sempre lembrar que cada aluno traz para a sala de aula sua experiência com a leitura do texto literário (experiência boa ou traumática), portanto ele deve estar preparado para enfrentar possíveis críticas ou indiferença diante do texto lido. No entanto, isso não deve ser considerado um impedimento para experimentar a leitura de literatura na sala de aula, pois, no final do trabalho, os alunos podem até dizer que não gostaram do texto, mas o que é certo é que algum posicionamento eles tiveram diante do que leram.

Como dissemos antes, não é fácil escolher um texto. Em primeiro lugar, o professor precisa saber selecioná-lo, já que este deve estar de acordo com seus propósitos didáticos. O texto literário deve ser uma ponte entre o conhecimento prévio e o novo para que não seja um apêndice na sala de aula e para que não pareça que a sua leitura é um pretexto para recheiar tempos vazios com atividades que não tem relação alguma com o contexto da aula. O texto literário deve estar integrado aos demais assuntos a serem abordados, ou que foram abordados, por este motivo não é fácil escolher um texto apropriado. Essa escolha requer tempo, paciência e carga de leitura acumulada.

Falar de um texto integrado a outros assuntos é um ponto a favor do texto literário, já que este carrega em si temas transversais que podem estar articulados com outras áreas de conhecimento, como história, geografia, etc., e com outras artes, como o cinema e as artes plásticas, desse modo, através da leitura de literatura, podemos trabalhar temas variados. Lembramos que ensinar uma língua estrangeira através de temas transversais é um dos objetivos presentes nos documentos oficiais do MEC (Cf. PCN, 1998, p. 43), portanto nossa proposta de colocar o texto literário em uma posição central na sala de aula, e não como atividade extra ou secundária, é bastante pertinente, pois vem a coadunar com os propósitos do ensino de línguas estrangeiras.

Falamos da leitura para promover o diálogo e o debate, mas sabemos que a leitura do texto literário pode promover a escrita e a produção de outros textos. Nesse ponto, lembramos as palavras de Roland Barthes no seu livro *S/Z* quando diz que há textos que são efetivamente um convite a escrita, há textos em que o leitor deixa de ser um consumidor para ser também um produtor de textos (Cf., BARTHES, 2004, p. 2). Desde esta perspectiva, podemos afirmar que o texto literário, além de proporcionar o debate em que o aluno tem a oportunidade de verbalizar seu pensamento e entendimento, serve de ponto de partida para o trabalho de escrita, integrando a leitura, a oralidade e a escrita, considerados os pilares do ensino de uma língua estrangeira.

É certo que a literatura traz muitos benefícios para a aula de língua espanhola, pois além de promover um vínculo afetivo que facilitaria a aprendizagem, proporciona a interação sócio-discursiva e desenvolve a consciência crítica, não só com relação aos temas tratados, como também com relação à linguagem. Portanto, convidamos os professores de língua espanhola a incorporar o texto literário na sua aula, pois acreditamos que a literatura é fundamental para a formação de cidadãos conscientes do seu papel na sociedade, uma vez que ajuda a ampliar o conhecimento de mundo e desenvolver a capacidade de refletir sobre a vida e sobre a condição humana.

Palavras finais

Depois de tudo que expomos neste trabalho, é redundante dizer que é importante a presença do texto literário na sala de aula, porém sempre é bom lembrar que a literatura é fundamental na vida do homem, pois é nas páginas do texto literário onde somos livres, onde podemos ser outros sem deixar de sermos nós mesmos. A literatura nos permite sonhar, viajar, conhecer lugares inimagináveis sem sair do lugar e, acima de tudo, a literatura nos humaniza. E aos que ainda duvidam que a literatura não tenha nada a ensinar aos nossos alunos, respondemos com as palavras da professora argentina, Maria Cristina Chiama de Jones: a literatura ensina nossos alunos a *pensar com palavras* (CHIAMA DE JONES, 2010, p.13). E completando seu pensamento, afirmamos que a literatura ensina muito mais do que imaginamos, pois ela enriquece a nossa visão de mundo e nos ajuda a compreender melhor a vida, o outro e nós mesmos.

Referências:

- BARTHES, Roland. *S/Z*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.
- BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. *A formação do leitor*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. *PCN+ Ensino Médio*. Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/ Semtec, 2002.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas cidades, 2004.
- CHIAMA DE JONES, María Cristina. *¿Cómo leemos literatura en el aula? Estrategias para la promoción de la lectura?* Buenos Aires: Biblos, 2010.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2006.
- LEITE, Ligia Chiappini M. *A invasão da catedral. Literatura e ensino em debate*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- ZILBERMAN, Regina. Literatura, escola e leitura. In: SANTOS, Josalba Fabiana dos; OLIVEIRA, Luiz Eduardo. *Literatura & Ensino*. Maceió: Edufal, 2008.